

DINAH JEFFERIES

A viúva  
de  
sáfira

Tradução

ANDRÉ FONTENELLE

PA  
PB  
PC  
PD

Copyright © 2018 by Dinah Jefferies

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Sapphire Widow

FOTO DE CAPA Mulher © Jeff Cottenden; fundo © Mike Mackinven/  
Getty Images, © Dragan Todorovic/ Trevillion Images e  
© Michael Trevillion/ Trevillion Images

LETTERING DA CAPA Bruno Romão

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jefferies, Dinah

A viúva de safira / Dinah Jefferies ; tradução André Fontenelle. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2019.

Título original: The Sapphire Widow.

ISBN 978-85-8439-135-6

1. Ficção histórica inglesa I. Título.

---

19-23216

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção histórica : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

# 1

## CEILÃO, 1935

### NUMA PLANTAÇÃO DE CANELA

O corpo franzino mal permite adivinhar a idade. Sentado sob os galhos suspensos da figueira, ele tem um jeito solitário. Os raios de sol, filtrados pelas folhas lustrosas, dançam sobre seus membros finos. O rapaz, mais parecido com um duende do que com uma criança de carne e osso, é o tipo de menino que toda mãe sonha acalentar. Ele escolhe uma pedrinha e, concentrado, cenho franzido, atira o mais distante que consegue. Contente de vê-la cair mais longe que a anterior, ele se ergue e caminha pela pequena clareira cercada de azaleias, arrastando as sandálias nas folhas e nos gravetos que se quebram e estalam sob seus pés.

Ele contempla as corujas, que eriçam as penas e se remexem na árvore. Observa um esquilo listrado subir correndo um tronco de árvore, e então fareja o ar — perfume de canela, terra queimada, citronela e um quê de mar salgado que ele tem a impressão de quase saborear. Colhe uma minúscula flor de damasco e mergulha o nariz na fragrância suave e frutada. Será para sua mãe.

Uma libélula vermelha esvoaça de uma folha para outra, fazendo-o lamentar não ter trazido seu guia de insetos. Como aquela, ele só tinha visto no guia, ao lado de outras libélulas, donzelinhas e borboletas. Sabe que existem milhares delas no Ceilão — o lugar que sua mãe chama de “pérola”.

Ele sente uma brisa fresca soprar nos braços, beliscando sua pele. Aquela floresta faiscante, banhada de sol, é o melhor lugar do mundo, e ele aguarda ansiosamente as caminhadas com a mãe, à noite, quando a temperatura cai. O calor do dia é extenuante para ela, mas ele conhece todos os pontos de sombra, e sempre tem um cantinho fresco para se abrigar. Então seu humor se altera, e um vestígio de tristeza muda seu semblante. Mesmo gostando de brincar sozinho, em seu íntimo ele quer algo mais, e uma sensação desagradável de culpa desperta um calafrio.

A sensação passa logo.

Quando ele sai com a mãe para passear, gosta de sentir o envolvente perfume dela e de enumerar as espécies de passarinhos, fazendo-a rir e fingir espanto por ele conhecer tantas. A mãe não é de rir muito, mas isso não chega a surpreender, ele pensa, considerando as circunstâncias. É a expressão que ele escuta o tempo todo: “considerando nossas circunstâncias, provavelmente não é uma boa ideia”. Ou “considerando nossas circunstâncias, talvez seja melhor não”.

Agora ele já está quase no alto do morro, seu lugar predileto ao ar livre. Dali é possível enxergar a quilômetros de distância e, com os olhos semicerrados, quase dá para distinguir o mar. Ele imagina as ondas geladas arrebatando em sua pele quente; enxerga a si mesmo correndo pela praia, a toda a velocidade, com o vento soprando em seus cabelos; consegue ver os pescadores ao anoitecer, antes de o céu ficar cor-de-rosa e o mar, lilás.

Ele leva um susto com o farfalhar das árvores e se detém para escutar. Deve ser um macaco-sinica, pensa, ou um langur com seu longuíssimo rabo. A mãe sempre diz para não dar trela ou alimentar os macacos, que depois disso passam a achar que você é subordinado a eles. Isso quer dizer que acham que você é inferior a eles. Su-bor-di-na-do. Deve ser ruim ser subordinado. Afinal, quem é que gosta de ser menos importante?

## 2

# CEILÃO, 23 DE DEZEMBRO DE 1935

### NA TRICENTENÁRIA CIDADE MURADA DE GALLE

O calor úmido passara dos trinta graus durante o dia. Mesmo agora, às sete da noite, ainda devia estar fazendo uns vinte e cinco. O vestido de Louisa Reeve, em cetim prateado com corte enviesado, havia sido costurado em Colombo e era réplica de um modelo que ela vira numa *Vogue* americana. A revista demorava tanto que, quando chegava, a moda já tinha mudado, mas era o melhor que dava para fazer. Os costureiros de Galle, embora muito confiáveis, eram antiquados, e tudo em que metiam a mão saía num estilo um pouco cingalês demais. Mas os de Colombo eram capazes de reproduzir qualquer coisa. Com seu metro e setenta e cinco, a feminilidade natural do elegante vestido lhe caía bem, para variar um pouco da blusa de linho e das calças confortáveis que costumava usar para andar de bicicleta.

Elliot veio por trás e a enlaçou num abraço.

“Satisfeita?”, sussurrou-lhe no ouvido, antes de passar os dedos por seus cabelos.

“Ei, isso deu o maior trabalho.” Ela havia transformado os cachos louros e rebeldes em ondas leves, presas na lateral por uma fivela em forma de safira.

“Está se sentindo bem?”, perguntou Elliot, com um ar sério e preocupado.

Ela procurou a mão dele. “Estou, mas agora há pouco estava pensando em Julia.”

“É mesmo?”

Ela fez que sim. “Eu estou bem.”

“Que bom. O Natal vai ser maravilhoso. Você está estonteante.” Ele fez menção de ir embora. “Se estiver mesmo tudo bem com você... posso dar uma olhada nos vinhos.”

“Sua ideia ainda é sair para velejar no dia 26?”

“Acho que sim. Só por algumas horinhas. Você se importa? Jeremy arrumou um iate novinho em folha, e também vamos experimentar um trapézio novo, todo moderno. Ele mandou fazer por aqui mesmo, com um desenho que trouxe da Inglaterra. Dizem que é ideal para regatas.”

Enquanto caminhava para a porta, Elliot roçou nela, e, ao sentir o leve aroma de colônia de cedro que a pele dele exalava, Louisa sorriu, observando-o se afastar pelo espelho. Mesmo depois de doze anos de casamento, ainda o achava lindo, com seus cabelos castanhos encaracolados, os olhos verdes e vivazes, e um charme que atraía qualquer um. Ele nunca precisou se esforçar muito. As amizades vinham até ele rápido e com facilidade, e sempre despertava comentários por onde andava. Ela também tinha seus amigos, embora levasse mais tempo para ficar íntima e não fosse despachada como Elliot. Por outro lado, gostava de conhecer bem as pessoas, de descobrir o que despertava o interesse delas. Em geral, quando fazia uma amizade, era para o resto da vida.

Louisa se debruçou na janela do andar de cima e fitou o céu azul e o cintilante mar azul-turquesa que banha Galle. O presente deu lugar ao passado, e ela reviveu o momento em que deu à filha o nome de Julia. Foi ali, bem naquele lugar, que a segurou nos braços por uma hora inteira, até as lágrimas a impedirem de enxergar. Quando haveria morrido? Durante o parto ou antes? Nascer sem vida. Qual o sentido disso? Eram perguntas que ainda a assombravam. Um único dia a mais e Julia poderia ter sido batizada na igreja Anglicana de Todos os Santos — exatamente onde se casou com Elliot e onde ela própria fora batizada.

Ainda agora, mais de dois anos depois, o passado tomava conta dela e, cheia de remorso, sentia que podia ter feito alguma coisa ou deixado de fazer. Ela fechou os olhos e imaginou um dia ensolarado e inebriante. Julia correndo na praia com os cachorros, Tommy, Bouncer e Zip, o menor da ninhada, todos cobertos de areia reluzente e com cheiro de sal, e a menininha gargalhando. Imaginou-a catando conchinhas e correndo sem parar até tropeçar a seus pés, de tanta pressa em mostrar à mãe seu tesouro, que instantes depois esqueceria por completo. E então se viu, numa imagem bem vívida, segurando a filha nos braços depois do banho e sentindo nos cabelos o perfume de xampu de bebê, com aroma de menta e maçã.

Ela deu um suspiro e, despedindo-se de seu sonho, voltou ao presente.

Só o que restava a ela era verificar se os empregados estavam a postos e se alguma flor havia murchado. Saiu para a varanda, pegou um fósforo e um círio e acendeu os lampiões do lado de fora e as velas repelentes de citronela. Na ponta dos pés, inspecionou a arandela onde um pássaro fizera seu ninho, para se certificar de que a lâmpada tinha sido retirada. Ela ouviu o “chirp, chirp” da mãe, vigilante. “Está tudo bem, pequenina”, sussurrou. “Só vamos trocar a lâmpada depois que seus filhotes saírem voando.” A brisa espalhava hibiscos rosados no jardim que circundava a varanda, e Louisa adorava se sentar ali para ouvir os sons do amanhecer, enquanto o sol da manhã banhava tudo ao redor.

Ela voltou para dentro, para a sala de estar, e observou as vigas de madeira do século XVIII da mansão colonial e os lustres, que davam ao ambiente um tom dourado. Ela mesma havia pintado de laranja as paredes e de azul-turquesa o batente da porta — o que espantava alguns, mais acostumados ao branco das paredes coloniais. Mas ela gostava do brilho. No teto, dois ventiladores de madeira escura giravam, renovando o ar, e no canto a sombra de uma palmeira decorativa fazia um desenho na parede. O gramofone tocava “I Only Have Eyes for You”.

No andar térreo da casa ficavam a cozinha, a saleta da governanta, que trabalhava em regime de meio período, os escritórios e os salões principais. Os quartos de hóspedes e os dois banheiros ficavam no

andar do meio, junto com o quarto de costura de Louisa. Por fim, no andar de cima, havia o quarto do casal, o banheiro e uma arejada sala de estar privativa, espaço tranquilo e banhado de sol, que se abria para um terraço. Nos fundos do jardim uma edícula abrigava as dependências para serviçais, embora uma parte deles morasse na cidade.

Pouco tempo depois, enquanto os últimos convidados chegavam, Louisa e Elliot foram para a entrada do salão principal dar as boas-vindas. Ela olhou para o céu, todo iluminado por um sol infinito. As venezianas das janelas da frente tinham ficado abertas, mas os vidros estavam fechados para evitar os insetos. Ela torcia para que, vistas de fora, as luzes brilhantes da casa transmitissem aconchego. Desejava que todos os convidados se sentissem bem naquele entardecer glorioso, que lhe provocava uma onda de empolgação.

Um dos convidados de Elliot apareceu. Jeremy Pike era filho de um produtor de borracha bem-sucedido, que havia virado amigo de Elliot ainda em Colombo. Homem elegante, de bigode bem aparado, ele costumava passar alguns dias na casa de veraneio da família, em Galle, velejando constantemente com Elliot. Apesar disso, Louisa não o conhecia muito bem. Era do tipo que estava sempre com outros homens. Depois dele, chegou um casal de mais idade, amigos do pai de Louisa, reclamando do calor sufocante. Foi então que, atrás dos dois idosos, ela reconheceu um casal de produtores de chá, descendo de um Daimler.

“Ah, que bom”, disse Elliot. “Os Hooper vieram.”

Louisa distinguiu a silhueta frágil de uma mulher de cabelo escuro trajando um vestido roxo e caminhando a passos lentos ao lado de um homem de grande estatura. Era uma moça muito bem-apeçoada, com um penteado que terminava em cachos bem definidos e olhos que combinavam com a cor do vestido. Trazia nos braços um bebê enrolado num xale rendado. Ao perder levemente o equilíbrio, foi amparada por uma aia idosa que vinha logo atrás, que lhe estendeu a mão. O homem envolveu os ombros da jovem com o braço, e Louisa notou a postura protetora dele.

Elliot deu um passo à frente para saudá-los, com um sorriso largo no rosto. “Laurence e Gwendolyn, que bom que puderam vir.”



Louisa estendeu a mão ao homem, e a esposa entregou o bebê à aia antes de vir até Louisa para beijá-la no rosto. “É tão bom vê-la de novo”, disse ela.

Louisa sorriu. “Faz meses desde que nos encontramos em Colombo.”

“Um chá no hotel Galle Face, não foi? Foi ótimo contemplar o oceano imenso e imaginar Galle tão longe, do outro lado. E agora aqui estamos nós.”

“Na época você ainda não tinha o bebê.”

Gwen balançou a cabeça. “Não mesmo. Faz tanto tempo.”

“Bem, é uma enorme alegria que você esteja aqui. O que está achando de Galle?”

“Adorável. Eu já tinha estado aqui uma vez, na época da minha mudança para o Ceilão, mas faz séculos. O centro é tão tranquilo. Mal posso esperar para conhecer mais quando acordar de manhã.”

“Posso ser sua cicerone?”

Gwen concordou. “Você vai ter tempo?”

“Tempo de sobra, e conheço tudo como a palma da minha mão.”

“Você morou aqui a vida inteira, não é?”

“Tirando o período do internato na Inglaterra. Passava um tempão andando de bicicleta. Como você deve ter notado, Galle é um morro cercado pelo mar dos três lados, então a segurança é total.”

“Adoraria conhecer melhor a cidade.”

“Então já está combinado. Imagino que vocês estejam hospedados no hotel New Oriental, no centro, não?”

Gwen fez que sim.

“Então eu vou buscá-los. Que tal às oito? Quanto mais cedo melhor, porque depois fica quente e úmido demais.”

“Excelente. Assim nos distraímos um pouco. Minha mãe veio da Inglaterra e está cuidando de Hugh, nosso filho, mas precisamos estar de volta para a ceia de Natal.” Ela sorriu quando o marido fez menção de falar, mas Elliot os interrompeu.

“Laurence, o que vai ser? Uma dose de um malte de primeira?”

Quando Laurence fez sinal de concordância, Elliot deu-lhe um tapinha nas costas. “Vamos deixar as duas a sós”, disse, piscando para Laurence e tocando levemente a mão de Louisa. “Tudo bem para você?”

Ela lançou um olhar para ele sem que os demais pudessem ver, indicando que esperava que ele não bebesse demais. Não, não, o tempo das apostas e das bebedeiras com certeza já tinha ficado totalmente para trás. Ela virou-se e sorriu para Gwen. “Qual o nome da sua bebê?”, perguntou.

“Alice. Hoje ela completa seis semanas. Pequena demais para deixar em casa.” Ela olhou em volta.

“Vou mostrar para você o quarto onde você pode deixar Alice dormindo.”

Enquanto Gwen e a aia acomodavam a bebê, Louisa percorreu a casa. Ao fazer sala para os convidados, sentia uma leve fragrância de desinfetante de limão no ar e o aroma fresco das flores da *karanja* do jardim. Ela espalhara galhos pela casa, dentro de enormes vasos de cerâmica no assoalho. A floração precoce daquele ano deu flores pequenas, de um tom de púrpura bem claro, suas favoritas.

Ela havia convidado alguns amigos do pai e seus também, e incluíra na lista muitos comerciantes de toda a cidadela de Galle. Alguns estavam na varanda, reunidos perto das velas de citronela, usando suas roupas mais caras. O som das risadas entrava pelo salão. O que havia de bom em Galle era a maneira como os ingleses, pelo menos em parte, socializavam com os muçulmanos, os budistas, os hindus e os *burghers* — descendentes de portugueses ou holandeses. Era um lugar autenticamente multinacional e ecumênico. Também havia outras coisas boas, como o charmoso labirinto de vielas retas e estreitas, onde ela conhecia todo mundo pelo nome; o perfume de chá de hortelã ou gengibre feito na hora nas manhãs de sol; e as inúmeras cabras, vacas e os lagartos que avistava durante as caminhadas. Mostrar tudo isso a Gwen seria interessante.

A região do chá era um tanto afastada de Galle. Por isso, a vinda dos Hooper de tão longe era uma surpresa muito agradável. Como Louisa já conhecia todo mundo em Galle, encontrar Gwen propiciava uma oportunidade de passar o tempo de outro jeito. Seria divertido. As duas já haviam se encontrado algumas vezes e se deram bem desde o começo.

Ao virar-se, Louisa viu o pai: alto e magro, de óculos e sobran-

celhas grossas, aparentava um ar austero para quem não o conhecia. E ela estava certa nesse sentido. Um homem de coração maior que Jonathan Hardcastle seria difícil encontrar: sempre de olho em injustiças, ele tratava os empregados com absoluta correção. Seu espírito empreendedor, porém, nem sempre era do agrado dos poderosos.

Ele se aproximou dela com os braços abertos. “Querida. Como sempre, você organizou tudo muito bem.”

Eles se abraçaram, e ela sorriu. “O senhor sempre diz isso.”

“E sempre digo que sua mãe estaria orgulhosa.”

Eles se entreolharam. A esposa morreria quando Louisa tinha apenas sete anos e, embora ela tivesse pouca memória da mãe, sabia que o pai nunca a esqueceria. A filha tinha os mesmos olhos amendoados com toques de dourado, e o tempo todo ele comentava a semelhança entre as duas. Jonathan nunca mais se casou, o que significava que Louisa fora criada por uma aia, que lhe dava mais liberdade que uma mãe daria. Por isso, desde muito cedo, ela montava na bicicleta e saía por aí para ver o mundo, como costumava dizer. Em pouco tempo já havia pedalado por toda a antiga cidade murada, e foi se acostumando a fazer o passeio diariamente. As pessoas pareciam gostar de quando ela parava para jogar conversa fora.

“Vamos entrar juntos?”, perguntou o pai.

“O senhor pode ir na frente. Só quero confirmar tudo com Ashan. Acho que está na hora de começar o serviço.”

“Eu posso ir até lá.”

“Não precisa se incomodar.” Louisa apertou a mão dele. “Aproveite a noite, pai.”

Ao atravessar o pequeno corredor dos fundos que ia até a cozinha, ela passou pela porta aberta do escritório de Elliot. De relance, reparou que ele estava com um homem de quem ela se lembrava vagamente. Um *burgher* de cabelo escuro, disse não havia dúvida, com sobrancelhas mal aparadas e semblante indiferente, um descendente dos primeiros portugueses que descobriram Galle. Surpresa por não ter sido informada sobre esse convidado, ela entrou para se apresentar. Elliot percebeu e franziu o rosto. Alguma coisa no ar irritado dele a incomodou, mas, antes que ela tivesse oportunidade de falar, um movimento

repentino chamou a sua atenção, e Louisa percebeu um macaquinho de cara roxa penetrando a cozinha. Ela ia dar uma bronca nos empregados imediatamente; havia portas e janelas que não podiam ficar destrancadas. Os macacos eram espertos — se você oferecia um dedo, eles queriam logo um braço. Era a mesma frase, ela preferia não lembrar, que seu pai lhe dissera certa vez a respeito de Elliot.

### 3

Bem cedo, na manhã da véspera de Natal, Louisa saiu da mansão de Church Street, seguiu estrada afora, atravessou a Middle Street e foi buscar Gwen, conforme combinado. Elas marcaram de se encontrar no saguão do hotel New Oriental, um imponente prédio de estilo francês, com paredes de arenito de um metro de espessura. Louisa admirou o pé-direito alto, com forro de madeira. O hotel fora construído pelos holandeses em 1684, para ser o quartel dos oficiais da armada. Agora era ali que se hospedavam os comerciantes e fazendeiros de passagem, além de, em tempos mais recentes, um fluxo constante de turistas. O impressionante saguão de entrada, abarrotado de sofás e poltronas de ébano, com uma ou outra espreguiçadeira de junco, já estava movimentado.

As paredes estavam impregnadas do aroma de cera e charutos, além de um levíssimo toque do uísque da véspera. Um imenso pínheiro ocupava lugar de destaque, decorado com bolinhas e pequenas velas em seus suportes. Apesar da beleza, era um risco tão grande de incêndio que, uma vez acendidas as velas, era preciso que um dos estafetas ficasse vigiando o tempo todo. No ano anterior, o rapaz foi surpreendido cochilando e escapou por pouco de ser responsabilizado caso o local todo ardesse em chamas.

Ela adorava o hotel, com sua fachada monumental e dramática, de frente para o porto. Mais de uma vez desenhou o prédio, assim como

a maior parte dos edifícios de Galle. Desenhar sempre foi um de seus passatempos favoritos, e seu sonho era virar arquiteta, mas no Ceilão não havia nenhum lugar para uma mulher estudar. Ela poderia ter ido para a Europa ou para os Estados Unidos, mas não queria deixar o pai sozinho. Por isso, encantada pela arquitetura e pelos edifícios, a decoração de interiores se tornou sua paixão. Louisa costumava passar muito tempo sentada à sua bela mesa de costura Singer de mogno, cosendo cortinas ou fazendo capas de almofadas até tarde da noite. Quando não era isso, ficava traçando desenhos complexos e aquarelas dos prédios de Galle para pendurar nas paredes. Estragando as vistas, como diria Irene, a mãe de Elliot.

A pretensão e o esnobismo suburbanos de Irene eram característicos de certos europeus. Louisa não ousaria admitir o alívio que sentiu quando soube que *ela* não viria para o Natal daquele ano. Os Reeve, Irene e Harold, um funcionário público, haviam sido convidados a passar as festas com amigos em Colombo. Então, iam ser mesmo só Elliot, Louisa e o pai.

Instantes depois, Gwen apareceu, usando um vestido de algodão, com uma saia pregueada na altura da canela e um enorme chapéu de palha. “Bom dia”, disse, beijando o rosto de Louisa e dobrando a pontinha do próprio chapéu. “Não é muito natalino, né? Preciso usar o tempo todo. Com uma pele como a minha, fico queimada rapidinho.”

Louisa olhou para a própria pele bronzeada. “Por sorte, esse problema eu não tenho. Passo tanto tempo na bicicleta que fica parecendo que dormi no sol.”

“Pelo menos está na moda hoje em dia.”

“Então”, disse Louisa, enquanto caminhavam pelas ruas de paralelepípedos, passando por bangalôs baixinhos com portas ricamente adornadas e telhados de telhas de barro trazendo sombra para as varandas. “Conte-me o que motiva você a sair da cama na sua fazenda de plantação de chá.”

“Bem, vivemos num lugar um tanto afastado, então não temos tantas oportunidades de socializar. Só uma ou outra ida a Colombo ou Nuwara Eliya para algum baile. Se bem que uma vez fomos a Nova York. Ficamos lá um mês.”

“Deve ter sido ótimo.”

“Foi uma viagem e tanto. Na época, estávamos tentando transformar o Chá Hooper numa marca grande.”

“E deu certo?”

“Bastante certo, embora eu mesma não me envolva muito com o negócio. Trabalho mais com queijo.”

“É mesmo?”

“Se um dia você for nos visitar, precisa experimentar. Deixando a modéstia de lado, é delicioso.” Ela sorriu, e seus olhos brilhantes refletiram a luz do sol.

Durante a caminhada, todas as casas que avistaram tinham persianas, abertas ou fechadas; havia arbustos de jasmim-manga nas ruelas, e os macacos grunhiam, balançando-se em seus galhos.

Louisa recordou-se da época em que ela e o marido se mudaram para a casa atual, pouco tempo depois de ele ser encarregado do negócio de lapidação e polimento de pedras preciosas do pai dela. Precisaram insistir um pouco até que o pai o aceitasse no cargo, mas, no final, apesar das reiteradas desconfianças de Jonathan, Elliot provou seu mérito. Era um cargo importante, com responsabilidade absoluta sobre todas as joias que passavam por suas mãos.

As duas continuavam a pôr a conversa em dia quando passaram por um grupo de monges budistas, além de alguns muçulmanos de branco, com turbantes na cabeça. Louisa fez uma discreta reverência com a cabeça para todos eles.

“Não temos muito tempo”, disse Gwen. “Preciso voltar antes do que eu previa.”

“Podemos só dar uma passadinha ali? Quero levá-la até a murada. Elliot e eu sempre vamos caminhar lá à tardinha, antes de escurecer.”

“Que romântico. Que sorte a sua. Aqui você tem tudo o que podia querer.”

Louisa sorriu, mas não disse nada.

“Acho muito bonito. Mágico, na verdade.”

O cheiro de peixe as atingiu antes que os vissem pendurados numa barra do lado de fora de uma loja, secando ao vento. Esse mesmo estabelecimento também vendia molho de atum, guardado em imensos

barris de conserva. Como ainda era cedo, puderam ver o peixeiro, que acenou quando elas passaram. Ele carregava cestos grandes de pescada dos dois lados da bicicleta e era seguido por uma fila de gatos.

“O peixeiro faz entregas em qualquer lugar da fortaleza, depois joga a cabeça e a cauda para os gatos”, disse ela. “Como você pode ver, estão todos bem gordinhos.”

Elas passaram por um jasmim-manga enorme, de aroma suave, e em pouco tempo chegaram às antigas muralhas, erguidas com barro, cal e corais, de onde contemplaram o oceano faiscante, que se estendia a perder de vista.

“É tão bonito”, disse Gwen. “E eu adoro esse cheiro.”

Louisa deu risada. “De peixe?”

“É, de peixe, mas esse também é o cheiro maravilhoso do mar salgado. Moramos na beira do lago, mas de vez em quando eu penso em como seria viver perto do mar.”

“Ele muda o tempo todo. Adoro isso. Às vezes fica prateado e tranquilo. Me sinto calma só de sentar e ficar olhando. Às vezes, como agora, fica salpicado de ouro.”

Fazia muito tempo que Louisa não se sentia tão à vontade quanto ali, sentada na muralha. Ela ansiava por ter com quem desabafar, mas nunca achava a ocasião apropriada nem a confidente ideal. Gwen era a primeira pessoa em quem ela sentia que podia confiar, que não faria fofoca.

“Você perguntou se eu estou feliz”, disse ela.

“Perguntei.”

“Bem, a verdade é que estou quase lá. Dois meses atrás, eu sofri um aborto.”

“Oh, meu Deus. Deve ter sido terrível para você.”

“Mas não foi o primeiro.” Ela engoliu em seco antes de falar. Para ela, os bebês natimortos e abortados eram gente, pessoas pequenas que mereciam seu luto. Crianças que teriam preenchido seus braços e seu coração. Não era fácil dizer isso, e ela não queria tocar no assunto, mas concluiu que não podia mais ficar calada. “Meu bebê nasceu morto faz um pouco mais de dois anos, e oito anos atrás eu tive outro aborto.”



O semblante de Gwen ficou sombrio. “Eu lamento muito... Deve ter sido terrível.”

Louisa balbuciou um agradecimento.

Gwen sacudiu a cabeça lentamente, como se estivesse pensando no que ia falar. “Eu também já perdi uma criança”, disse, por fim. “Para mim ainda é difícil falar sobre isso. Acho que é por isso que não contei a você quando tomamos chá em Colombo. Eu simplesmente não conseguia falar do assunto.”

Louisa mordeu o lábio, como quem tenta conter a vontade de falar.

“É uma longa história. Ficou praticamente só entre nós. O nome dela era Liyoni”, prosseguiu Gwen. “Perdê-la me partiu o coração.”

Louisa compreendia. “Mas pelo menos agora você tem sua pequena e adorável Alice.” Na mesma hora em que dizia essas palavras, deu-se conta do quanto elas eram inadequadas. “Ai, nossa, que falta de jeito. Desculpe, eu não queria...”

Gwen fitou-a. “Não se preocupe. Mas nada pode substituir o que você perdeu, estou certa de que você sabe disso.”

Louisa concordou. Tendo trocado confidências, alguma coisa mudou na relação delas, e Louisa passou a sentir uma poderosa afinidade com Gwen. “Obrigada por ter me contado”, disse.

Com os olhos cheios de lágrimas, Gwen estendeu a mão e as duas ficaram sentadas juntas, no silêncio que se instalou entre elas.

Na manhã seguinte, ainda satisfeitos com o almoço de Natal tardio e prolongado com o pai, Louisa e Elliot saíram juntos para as muralhas e sentaram-se não muito longe do local onde ela estivera com Gwen na véspera. Algumas pessoas, sentadas nos muros de pedra, faziam um lanchinho, e Louisa avistou corvos à espreita, interessados nas migalhas de comida que caíam.

“Acho que eu exagerei no brandy com seu pai”, disse Elliot, fechando os olhos.

“O ar fresco vai ajudar”, comentou ela, um tanto decepcionada.

Como a temperatura estava caindo, os moradores começaram a sair de casa para a caminhada noturna.

Recuperando a calma, ela sorriu para ele. “A festa foi ótima, não foi? Fiquei tão feliz por você ter convidado Gwen e Laurence. Mas por que não insistiu para que aquele homem que vi com você no escritório ficasse? O *burgher*.”

“Fiz isso, mas De Vos tinha outros compromissos.”

“Achei que você ficou um pouco incomodado quando eu quase os interrompi.”

“De jeito nenhum.”

“Então o que ele estava fazendo lá?”

“Assunto de trabalho.”

“Ah, Elliot! Nada de trabalho durante o Natal, você prometeu.”

“Desculpe.” Ele enganchou o braço no dela. “Não vamos falar disso. Vamos só desfrutar da noite. Estamos felizes, não estamos? Você está dando conta?”

Ela se apoiou de novo nele. “Estou.”

À medida que o sol se punha, o céu se incendiava, num espantoso espetáculo de rosa e escarlate intensos. Eles ouviram então o som melodioso da chamada para a oração, que vinha da mesquita. No mesmo instante, todos os homens de branco se viraram e seguiram apressados naquela direção.

Ela amava aquele ambiente sereno e poeirento, embora às vezes ficasse tingido pela tristeza. O fato era que Galle estava visivelmente mais silenciosa. Nos tempos do pai de Louisa, quinhentos passageiros chegavam todos os dias em navios a vapor, mercadores de especiarias apinhavam as docas, e embarcações de guerra se reabasteciam. Agora, embora alguns europeus mais cosmopolitas vivessem ali — pelo menos em parte do ano — e o porto ainda fosse um entreposto de pedras preciosas, borracha e canela, boa parte do comércio de chá se transferira para Colombo.

Mesmo assim, Louisa gostava de cruzar com os comerciantes que ainda vinham da Malásia, da Índia e da China. Galle se mantinha de pé, e ela adorava ouvir o chamado repetitivo e melancólico para a oração muçulmana ao amanhecer, ao meio-dia, no meio da tarde, logo depois do pôr do sol e duas horas depois. Era um som que fazia parte de toda a sua vida, e mesmo que o número de muçulmanos tivesse

diminuído — a maioria dos cingaleses era budista —, eles viviam em harmonia com os fiéis de outras religiões. Ela estava ciente, assim como todos, das repetidas revoltas contra os ingleses, mas isso vinha acontecendo com muito menos frequência agora que todos tinham direito a voto, e bem menos do que em Colombo. Sim, as coisas haviam mudado em Serendip — a ilha das pedras preciosas, antigo nome do Ceilão —, e para melhor.